



Pesquisa biográfica com mulheres assentadas artesãs

Biographical research with crafted women

Eliane Godinho*

Márcia Alves da Silva**

Resumo: Partindo de uma aproximação entre a educação popular e o feminismo, ambos na perspectiva do marxismo, o presente artigo traz aspectos de uma pesquisa de mestrado em andamento na área de educação, que aborda as trajetórias de vida de mulheres assentadas do Movimento Sem Terra, participantes de um assentamento localizado no interior da cidade de Pinheiro Machado, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A investigação faz uso da metodologia das histórias de vida, com forte cunho autobiográfico, tendo como pano de fundo a produção artesanal das mulheres participantes. Dessa forma, o artesanato é utilizado como forma de produção da pesquisa e de problematização da categoria trabalho como fundamental no processo de empoderamento dessas sujeitas. O objetivo tem sido abordar a questão da mulher como ser histórico problematizando, por meio das oficinas de artesanato, a opressão de gênero no mundo do trabalho, de forma a fomentar a consciência crítica e política para além do contexto em que estão inseridas, na construção de uma pedagogia feminista possibilitando, através deste espaço, não só uma fonte de renda, mas também oportunizar um momento de formação e ressignificação de suas relações no e com o mundo e, conseqüentemente, com as outras e outros.

Palavras-chave: Gênero. Pedagogia feminista. Trabalho artesanal. Educação.

Abstract: Based on an approach between popular education and feminism, both in the perspective of Marxism, the present paper offers aspects of an ongoing master's research in the area of education, which approaches the life trajectories of women living in the Landless Movement. A settlement located in the country city of Pinheiro Machado, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The research uses the methodology of life stories with a strong autobiographical character, having as background the artisanal production of the participating women. In this way, craftsmanship is used as a way of producing research and problematizing the work category as fundamental in the process of empowerment of these subjects. The objective has been to address the issue of women as a historical being by problematizing, through crafts workshops, the oppression of gender in the world of work, in order to foster critical and political awareness beyond the context in which they are inserted, in the construction of a feminist pedagogy allowing, through this space, not only a source of income, but also to provide a moment of formation and resignification of their relations in and with the world and, consequently, with others.

* Pedagoga, mestranda em Educação do PPGE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Contato: eliane-g-c@hotmail.com

** Socióloga, mestre e doutora em Educação. Professora do PPGE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Contato: profa.marciaalves@gmail.com



Keywords: Genre. Feminist pedagogy. Craftwork. Education.

Introdução

Contribuir para o processo de empoderamento, almejando a emancipação das mulheres camponesas a partir do que é problematizado durante oficinas de artesanaria, também é uma forma de romper com o silenciamento das lutas femininas em busca de equidade de gênero. Este é um dos objetivos deste artigo que assume, assim, um caráter político e ideológico na desconstrução da lógica patriarcal imposta pelo sistema capitalista e neoliberal, em que o patriarcado fere, mata e machuca todos os dias uma de nós.

Segundo Ochoa¹, a proposta da pedagogia feminista sintetiza as referências teórico-metodológicas de educação popular e da filosofia feminista, não só pelas características e procedimentos metodológicos como também pela conduta e postura de educadoras e/ou facilitadoras. Isso ocorre levando-se em conta o processo histórico do tornar-se mulher, priorizando o processo educativo e não o produto ou o resultado, centrando-se nas dimensões da aprendizagem cognoscitiva, da reflexão e crítica da interação e intervenção no e com o mundo, em uma dimensão social que é também individual e coletiva, reconhecendo a especificidade das identidades, necessidades e condições do grupo.

Para problematizar as relações de trabalho, do trabalho alienado, do modo de produção capitalista e o processo de tomada de consciência em relação ao contexto vivido para além das situações que se estabelecem na vida no assentamento, é importante considerar o referencial teórico marxista elaborado e pensado a partir de Karl Marx (1818-1883). Os contributos do feminismo de cunho marxista e suas considerações para uma educação libertadora e revolucionária, sob o ponto de vista da pedagogia feminista, popular e freireana, ao problematizar e refletir sobre o cotidiano dessas mulheres, nos possibilita potencializar suas ações, projetar seu ser e estar no mundo. Para Marx, a combinação do trabalho (o trabalho como elemento fundamental na formação humana, como atividade produtiva humana, com esforço de pensamento e não simplesmente operação produtiva) e a instrução (educação) são elementos essencialmente necessários para transformação social da vida humana. De acordo com a concepção socialista de educação, a ideia central é a superação do capital, sobrepujando assim a alienação, que pode também ser naturalizada nas relações sociais e econômicas entre os sujeitos.

¹ OCHOA, Luz Maceira. *El sueño y la práctica de sí: pedagogía feminista – una propuesta*. México: Centro de Estudios Sociológicos. Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.



Gênero, trabalho e educação

É neste sentido que buscamos problematizar a relação com a terra e o artesanato, levando em conta que as mulheres produzem trabalho, saber, poder, empoderam-se, escrevem suas histórias, humanizam-se, tramam seus fios da existência nos encontros vividos com a outra (“outro/a” social, natureza, acontecimentos, o que produz efeitos nos corpos, maneiras de viver), num verdadeiro processo educativo afinado com a concepção socialista de educação e com o projeto de transformação social pelo qual lutamos. Assim, quando pensamos em educação, consideramos essas questões intrinsecamente ligadas numa concepção de educação libertadora, por acreditar que

[...] a educação que propomos, em decorrência de nossa opção política, é uma educação que venha a ser construída hoje a partir desse debate amplo, desse caminhar juntos de todos os educadores que somos, e não só pelos professores, mas também pelos pais, alunos, jornalistas, políticos, enfim, por toda **a sociedade brasileira se repensando**.²

Assim, quando discutimos estas questões relevantes, também estamos engrossando “a luta pelo vencer”, no sentido de mudar a história. Somos políticos e, nesta perspectiva, há uma especificidade da pedagogia, principalmente quando discutimos exploração, opressão e trabalho, pois não deixamos de ser educadoras e educadores. Ssomos educadores em todo lugar, como nos lembra Freire (1983)³, e nossa postura política nos acompanha em todos os nossos atos, em qualquer situação em que nos encontramos e nos encontremos.

Levando isso em conta, as oficinas de artesanato se tornam espaços potencializadores de debates, questionamentos e de criação. A seguir, trazemos uma imagem da primeira oficina que abordou o tema trabalho a partir de poemas e documentários que foram problematizados durante a oficina de criação artesanal. Nessa proposta, foram criados Diários Feministas, onde cada uma confeccionou seu próprio diário, constituindo-se numa ferramenta de pesquisa e de coleta das biografias.

² GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1985, p. 26, grifo do original.

³ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.



Imagem 1 – Oficina de criação dos Diários Feministas



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Local: Sede do Assentamento – jan. 2016]

Compreendemos que “o educador revolucionário tem no método um caminho de libertação, e é por isso que, na medida do possível, ele discute com o educando a apreensão do próprio método de conhecer”⁴. Dessa forma, o educador ou a educadora assume seu compromisso com a sociedade, com a classe trabalhadora, buscando reinventar o poder. Para isso, no processo de leitura de mundo e de classe, o conhecimento da realidade é essencial, pois

[...] não há outro caminho senão o de partir precisamente do lugar em que a classe trabalhadora se acha. Partir do ponto de vista da sua percepção do mundo, da sua história, do seu próprio papel na história, partir do que sabe para poder saber melhor, e não partir do que sabemos ou pensamos que sabemos⁵.

Neste sentido, assumir o profundo compromisso e comprometimento com a classe trabalhadora e com a sociedade é um ato político, não só quando as oficinas de artesanato são pensadas, planejadas e concebidas com esse viés de refletir sobre nosso ser e estar no mundo, mas para além das nossas relações de trabalho, incorporando o tornar-se mulher em nossa sociedade, pensando e produzindo as lutas dos movimentos sociais em que estamos inseridas e o quanto de fato estamos envolvidas e comprometidas.

Pensar a reinvenção do poder sob este ponto de vista implica dizer que esta reinvenção só é possível se “as massas populares têm uma participação ativa e crescente crítica no processo de aprendizagem de serem críticas, ou o poder não será reinventado”⁶. Ou seja, a intenção é que, à medida que estas camponesas trazem sua leitura de mundo e apropriação do vivido e experienciado em suas labutas diárias, seja a luta e conquista pela terra entre tantos outros direitos,

⁴ GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p. 65.

⁵ GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p. 69.

⁶ GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p. 67.

trazendo seus compartilhamentos para as oficinas de criação, percebiam-se criticamente enquanto sujeitos históricas, almejando uma reinvenção do poder, processo que se dá coletivamente, mas também individualmente.

Essa percepção crítica das mulheres se faz necessária, pois

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencional sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar.⁷

Em relação a esse processo de tomada de consciência, Freire diz que

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele, capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. [...] é exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidade proposta pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, o que o faz um ser de práxis.⁸

Sendo assim, podemos investigar e analisar o artesanato como um processo político e pedagógico, levando em conta não só a produção dessas artesãs assentadas, mas todo o seu capital social, cultural e intelectual, questionando se o artesanato pode ser uma forma de reinvenção do poder, como um ato revolucionário de luta, resistência, práxis e (res-) significação de si, contribuindo para a emancipação deste grupo de mulheres de fato. O ímpeto criador humano, em que o saber é sempre superado, é um processo permanente de criação e (re-) criação, de superação, é um saber “relativizado”. Segundo Freire,

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém [...] é uma busca permanente de “si mesmo”.⁹

Superar a consciência ingênua é fundamental, além de promover as relações entre saberes relativos e a consciência reflexiva, articulando as relações dessas mulheres, o que é próprio de homens e mulheres. Por isso que devemos estimular a reflexão sobre a própria realidade, pois

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipótese sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio; seu eu e suas circunstâncias. O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.¹⁰

⁷ FREIRE, 1983, p. 16.

⁸ FREIRE, 1983, p. 17.

⁹ FREIRE, 1983, p. 28.

¹⁰ FREIRE, 1983, p. 30-31. Importa salientar que Freire, assim como outros autores e autoras, utilizou o termo *homem* quando se referia aos seres humanos, tanto homens como mulheres, indistintamente. Ao



O “desconhecimento que existe entre homens e mulheres, homens e homens e entre as próprias mulheres, o qual é corroborado por fatores como classe social, nacionalidade, concepção de mundo, idade, língua...”¹¹ instala a importância de conceber o artesanato para além de arte popular, trabalho e geração de renda, mas também como um processo político e pedagógico a serviço da educação e como uma ferramenta potente que possibilita a (res-) significação de saberes. Sendo assim, a proposta de uma pedagogia feminista sintetiza as referências teórico-metodológicas de educação popular de base freireana e da filosofia feminista, não só pelas características e procedimentos metodológicos, mas também ao ressaltar a importância do processo histórico do tornar-se mulher.

A imagem a seguir mostra o registro de um momento importante vivido pelo grupo das assentadas artesãs Guerreiras da Arte¹², que foi a formatura do curso de extensão em produção artesanal promovido pelo projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) denominado “Trabalho artesanal com mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, que vem sendo desenvolvido com o grupo desde 2014. Importa ressaltar que todo o processo de organização da formatura, enquanto evento, foi realizado pelas próprias mulheres. Ele constituiu-se em um momento significativo para o grupo e suas famílias, que prestigiaram com prazer. O orgulho e a felicidade das mulheres artesãs foi visível a todas e todos que participaram. Muitas disseram que nunca imaginaram participar de alguma atividade proposta por uma universidade. Trata-se de uma instituição que até então estava distante do cotidiano delas. Foi um importante momento de aprendizagem para os membros da instituição que ali estavam. Ocorreu uma troca de conhecimento e uma parceria que traz belos aprendizados para todas as pessoas envolvidas.

longo de sua trajetória, Freire, provocado pelas feministas da época, chegou a perceber o quanto este termo invisibiliza o gênero feminino. No entanto a maior parte de suas obras mantém essa escrita. O movimento feminista tem denunciado o caráter excludente da linguagem dita “cult”, que historicamente se constituiu em mais uma ferramenta de poder masculino.

¹¹ EGGERT, Edla. (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p.16.

¹² O grupo Guerreiras da Arte é o resultado desse trabalho extensionista que a UFPeI vem realizando com o grupo já há um tempo. A construção do grupo materializa essa caminhada coletiva na construção de uma identidade de grupo, que aproxima as participantes nas lutas de gênero e de trabalho. Hoje, elas constituem um grupo que já possui certa visibilidade, tanto na cidade como na região. A partir dessa coletividade, juntas conseguem se organizar para participar de feiras de reforma agrária, atividades na universidade, etc. Além disso, atualmente organizam autonomamente atividades de formação, sem precisar da interferência da UFPeI.



Imagem 2 – Formatura do Grupo de Artesãs Guerreiras da Arte



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Sede do Assentamento – jan. 2016]

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permita à mulher e ao homem transformar a realidade faz-se cada vez mais urgente. Isso porque sabemos que, de forma geral, o trabalho manual é visto pela sociedade como algo menor, nesse modelo de sociedade em que os intelectuais são vistos com mais status do que aqueles que trabalham com as mãos, resultado de um sistema desumanizador e cruel em sua lógica social e econômica.

A percepção marxista busca criar ferramentas, possibilidades e oportunidades para que, com o auxílio das contribuições do movimento feminista, possamos de fato agir significativamente neste processo de construção e desconstrução social. Pois o marxismo

possibilita uma análise crítica sobre as relações sociais, dentro de uma perspectiva de totalidade que não permite fragmentar a realidade, buscando desvelá-la, indo além do aparente, das representações, sem esquecer a essência dos fenômenos sociais e suas determinações [...] propõe “um método de conhecimento da realidade de forma a desvelá-la em todas as suas determinações: sociais, econômicas, políticas e culturais”.¹³

Por conta disso, a teoria social marxista instrumentaliza os estudos de gênero e o movimento feminista, desnaturalizando a opressão vivida pelas mulheres em nossa sociedade. Isso ocorre por se tratar de um movimento crítico das sociedades de classe que milita contra o capitalismo, e sua ação se dá coletivamente, sendo acionada pelos sujeitos. Desse modo, ele tem considerações significativas para o debate feminista, porque

Tanto no marxismo como no feminismo, haveria a preocupação por questionar relações desiguais socialmente construídas e reconstruídas em embates de poder (no caso do feminismo, entre os sexos e pela institucionalização da supremacia masculina). Em ambos os conhecimentos ressalta-se o projeto por negação de propriedades, expropriações e apropriações (no caso do feminismo, tanto do valor produzido pelo trabalho das mulheres, socialmente reconhecido ou não, como de seu corpo, voz, re- e a-presentações). Compartem também, o marxismo e o feminismo, a ênfase na materialidade existencial (para alguns feminismos, a vida cotidiana, para outros, a textual, e, para outros ainda, o cenário histórico – hoje, o

¹³ CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p. 102.



capitalismo em formato neoliberal), considerando que essa materialidade se sustenta por práticas em um real vivido e um real idealizado e ideologizado [...]. Por outro lado, advoga-se, tanto no marxismo como no feminismo a possibilidade de mudanças acionadas por sujeitos.¹⁴

Portanto, graças à naturalização da subalternidade das mulheres em nossa sociedade, questões como esta passam despercebidas, muitas vezes invisibilizando ou menosprezando o trabalho realizado por elas no espaço doméstico ou, o que é pior, atribuindo a esta subordinação o “status” de dom ou habilidade, habilidades próprias do gênero feminino, muitas delas classificadas como “menos complexas”. Ou seja, esta desvalorização do trabalho da mulher contribui para que elas não se percebam como trabalhadoras. Dessa forma, isso faz com que muitas mulheres não se organizem e nem participem politicamente das lutas da classe trabalhadora, o que reforça uma cultura sexista que adéqua a mulher aos limites do privado, pois o homem sempre foi e esteve ativo no espaço público. Dessa maneira, há uma naturalização destes papéis, pois o trabalho doméstico não remunerado é visto como um papel exclusivamente feminino. Essa cultura sexista acaba sendo reforçada pelo Estado, que não disponibiliza políticas públicas para que a população tenha acesso a condições dignas de educação e espaços populares. Por isso, é de suma importância discutir o conceito de trabalho em suas múltiplas possibilidades com as assentadas artesãs, para que aos poucos possamos ir desvelando culturas sexistas e caminhando no sentido da (res-) significação das relações. Ou seja, uma leitura crítica também implica num processo de conscientização. Segundo Gadotti, Freire e Guimarães

[...] a conscientização não é propriamente o ponto de partida do engajamento. A conscientização é mais um produto do engajamento. Eu não me conscientizo para lutar. Lutando me conscientizo [...] pois é lutando que se constituem níveis mais claros de consciência de classe por exemplo. [...] É na experiência de serem exploradas e na prática de arregimentar-se para superar a situação concreta de opressão que as classes populares se conscientizam. [...] A conscientização é a tomada de consciência que se aprofunda. Esse aprofundamento é gerado na práxis e a reflexão sobre a própria luta que iniciou o processo de conscientização o intensifica. É um ciclo dinâmico.¹⁵

O processo de tomada de consciência da realidade é muito importante porque se constitui de forma progressiva, levando em conta o contexto da vida prática delas. No entanto esta prática conscientizadora só será de fato significativa se conseguir abarcar as relações de gênero. Para isso, é necessário levar em conta que analisar gênero, pelo foco das desigualdades sociais e da luta de classes, é relacionar a luta da mulher com a luta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais. Isso porque, “a verdadeira emancipação das mulheres só pode ser alcançada com a ruptura com o modo de produção capitalista”.¹⁶ A luta pela transformação social pode ocorrer em diferentes lugares e momentos, tanto nos espaços formais como não formais de educação. Sabemos que educar é um ato político e que nem educação, ciência e tecnologia são neutras. Por isso,

¹⁴ CISNE, 2015, p. 105.

¹⁵ GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p. 115.

¹⁶ CISNE, 2015, p. 104.



precisamos agir mais, intervir mais e de forma consciente no mundo – as oficinas de criação constituem esse espaço de intervenção, pesquisa e problematização.

Considerações finais

Partindo dessa ideia que permeia o universo do trabalho, da educação (humanista libertadora) comprometida com o feminismo e o marxismo, importa também ressaltar que o modelo educativo proposto por Marx, em que o trabalho produtivo é pago, combinado com a educação intelectual, exercícios culturais e a formação politécnica, resultaria numa formação humana completa. Eis o que ele o que denomina de educação *omnilateral*. Portanto, o trabalho é prioritário, tem valor útil e social, onde essa formação omnilateral tem como horizonte a emancipação humana.

O que fica claramente evidenciado é que, para Marx, política e educação não se separam. O filósofo alemão entende o homem como um ser social historicamente condicionado pelas relações com a natureza e com os outros e outras bem como pelo trabalho produtivo. Freire também compreende o homem a partir deste prisma, trabalhando com a categoria classe oprimida. Para ele, técnicas profissionais neutras não existem; o sujeito alienado não percebe isso: ele as vê de forma superficial e isso também pode ocorrer na educação, ou seja, sem consciência do seu próprio existir, da sua realidade.

Na medida em que as sujeitas se tornam conscientes de sua situação no mundo, tornam-se mulheres capazes de intervir na sociedade, estando assim num processo de formação permanente. Para ilustrar o que problematizamos neste escrito, abaixo seguem-se imagens de três momentos que registram a participação do grupo em eventos acadêmicos que evidenciam este processo de empoderamento vivido por estas mulheres.

Imagem 3 – I Simpósio de Gênero e Diversidade: debatendo identidades



Fonte: Acervo da pesquisa.

[UFPel – mai. 2016]



Imagem 4 – II Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão



Fonte: Acervo da pesquisa

[UFPel – set. 2016]

Imagem 5 – VII Semana Acadêmica da Geografia UFPel



Fonte: Acervo da pesquisa.

[UFPel – out. 2016]



A imagem 5 mostra elas ensinando artesanato para discentes da UFPel. Neste momento, elas são as professoras oficinairas. Aqui são os saberes das artesãs que se tornam ensinantes, e o público acadêmico é o aprendiz.

Precisamos compreender que a formação humana ocorre de forma permanente e em todos os lugares, ou seja, na escola, no trabalho, na sociedade, no grupo e na igreja, pois o mundo educa. Mas também reproduz a opressão, seja ela social, econômica de gênero ou outra. Por isso, importa pensar a formação de mulheres de uma forma tal que se constitua numa formação política para além dos espaços que ocupam diretamente. Pois é esta formação politizada e problematizada que nos motiva a lutar e resistir, a compartilhar e projetar o futuro, num processo de busca e ousadia, num ato político de militância pela vida e suas multiplicidades de existir, buscando criar possibilidades de transformação num outro projeto de sociedade.

Referências

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

EGGERT, Edla. (Org.). *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1985.

OCHOA, Luz Maceira. *El sueño y la práctica de sí: pedagogía feminista – una propuesta*. México: Centro de Estudios Sociológicos. Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

[Recebido em: novembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016]